

A COR DO AMIGO MEU

Logo cedo eu aprendi,
Que o valor está muito além do que se diz.
Meu amigo com quem tão cedo convivi,
Era negro, e isso não mudava em nada para mim.

Nossa diversão era passear pelo centro.
Buscar CDs ou livros do nosso contentamento.
Era algo tão natural, e eu não via nenhum mal.
Mas bastava a gente entrar em um local,
Para todos olharem desconfiados.
E fileira por fileira, nós éramos acompanhados.

Os seguranças eram nosso guia, nossa sombra e também nossa agonia.
Rapidamente nós “saía”,
E eu sequer entendia.
Isso foi ficando cada vez mais frequente,
E aos poucos eu percebi que era só com a gente.
“Eu e ele”!
Com os demais era tudo diferente, circulávamos “livremente”.
Nenhum segurança grudava os “olhos” na gente.

Aí eu acordei: a questão era a cor do amigo meu!
E como isso me doeu!!!!!!
Minha vontade era entrar no estabelecimento e confrontar.
Gritar, bater, xingar.
Mas eu tive que me conter,
Uma atitude assim, certamente faria o meu amigo sofrer.

E ali se calava uma dor, de um amigo que pagou pela cor da sua cor.
E as tardes foram se acinzentando,
E os nossos lugares cada vez mais restritos ficando.
E no primeiro emprego nosso,
Só eu fui selecionada.
Ele tinha todos os requisitos e naaaaaada.
Isso aí eu não engoli,
Cheguei lá e perguntei: por que ele não entrou?
Ninguém argumentou!
Todo mundo calado “tava” e calado ficou.
Vi ali que mais uma vez: foi por conta da cor da sua cor.

Desse dia em diante, jurei não mais me calar.
E de justiceira passaram a me chamar, alguns diziam que eu era radical.
Mas para eles tudo bem um negro ser considerado banal.
Uma burrice e uma maldade sem igual,
Anencéfalos, espero sinceramente, que sempre se deem mal.
Mal, mal, mal, muuuuuito mal!!